

# O DITO E O NÃO DITO NO DISCURSO DO MST: UMA ANÁLISE DOS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E PRODUÇÃO DE SUJEITOS E DE SENTIDOS NAS LETRAS DOS CD DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

*Christiana Daisy da Costa Albuquerque\**

## I. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é discutir, na perspectiva da Análise do Discurso (AD), os processos de construção discursiva e de produção de sentidos e de sujeitos nas letras das "canções de luta" gravadas nos CD *Arte em Movimento* e *Canções que Abraçam Sonhos* produzidos pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em 1997 e 1998.

Em termos teóricos, discute-se a materialidade da linguagem (verbal e não-verbal), tomando emprestado às noções de que *a materialidade específica da ideologia é o discurso e a materialidade específica do discurso é a língua* (ORLANDI, 1999:17) e de que *não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido* (PECHEUX, APUD ORLANDI).

Essa noção coloca a AD em posição crítica em relação à tradição da Linguística, no que se refere, ao processo de significação e à definição de linguagem, haja vista que ao contrário da linguística a análise de discurso não trabalha exclusivamente com a língua, mas com o discurso.

A partir da análise dos processos de construção discursiva e de produção de sentidos e de sujeitos nas letras dos CD do MST, pretende-se observar a relação língua – discurso – ideologia, buscando entender como a língua produz sentido por e para os sujeitos: Trabalhadores Rurais Sem Terra.

## II. O DISPOSITIVO TEÓRICO

No estudo sobre o discurso, Orlandi (1999:15) esclarece que a análise de discurso não trata da língua, nem da gramática (embora se interesse por elas), mas do discurso - definido por esta autora, como a palavra em movimento, prática de linguagem, cujo estudo permite observar o homem falando.

De acordo com a AD, a linguagem é uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. O que reforça a idéia de que a AD não trabalha com a língua enquanto sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentido enquanto parte de suas vidas, seja

---

\* Faculdade Marista Recife(FMR) e Faculdade Vale do Ipojuca (FAVIP).

enquanto sujeitos, seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade (cf.: ORLANDI, 1999 e PÊCHEUX, 1975).

Os estudos da AD, levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer (ORLANDI, 1999:17).

Sobre as filiações teóricas, interessa-nos saber que, nos anos 60, a AD se constitui no espaço de questões criadas pela relação de três domínios disciplinares que marcam simultaneamente, uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise (ORLANDI, 1999).

A partir da afirmação da não transparência da imagem constitutiva da Lingüística, a AD vem demonstrar que a relação linguagem-pensamento-mundo não é unívoca, mas dotada de especificidade própria (ORLANDI, 1999).

A partir do legado do materialismo histórico, os estudos do discurso passam a trabalhar a forma *material* ou *lingüístico-histórica*, ou seja, passam a trabalhar não mais com a forma abstrata, mas com a forma encarnada na história para produzir sentido. E, a partir da contribuição da psicanálise, os estudos discursivos provocam o deslocamento da noção de homem para sujeito, que por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história. (ORLANDI, 1999).

Resta-nos ainda esclarecer a definição de *discurso, enquanto efeito de sentido entre locutores*, apontada por Orlandi (1999). Esta definição nos interessa, porque estabelece a diferença entre a noção de discurso do esquema elementar da comunicação, que dispõe seus elementos de forma linear definindo o que é mensagem, como se a mensagem resultasse de um processo "serializado".

Diante do exposto, Orlandi propõe pensar em discurso no lugar da mensagem, já que para esta autora, o funcionamento da linguagem que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, não se trata de transmissão de informações, mas de um complexo processo de constituição desses sujeitos e de produção de sentidos.

Na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Para trabalhar o sentido a Análise de Discurso articula três regiões em seus estudos, fundamentais à posição crítica de leitura, assumida nos anos 60: a teoria da sintaxe e da enunciação; a teoria da ideologia e a teoria do discurso que é a determinação histórico dos processos de significação, tudo isso atravessado por uma teoria do sujeito de natureza psicanalítica (cf.: ORLANDI, 1999:25).

Em suma, Orlandi sugere que a Análise de Discurso visa compreender como um objeto produz sentidos, como ele está investido de significância para seus sujeitos. Compreensão essa, que implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido, produzindo assim novas práticas de leitura.

### III. O DISPOSITIVO ANALÍTICO

De acordo com ORLANDI (1999: 59), o lugar da interpretação é o momento e o espaço para se refletir sobre o dispositivo de análise. É aqui, neste nesse tempo e nesse espaço, que o analista deve definir como deve proceder a sua análise.

A proposta de construção do dispositivo de análise segundo ORLANDI, tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

Neste trabalho, analisamos o discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, a partir das letras dos CD "Arte em Movimento" e "Canções que Abraçam Sonhos" produzidos pelo MST, em 1997 e 1998, pela perspectiva da análise de discurso.

Procuramos confrontar o dito e o não dito nas "canções de luta" gravadas nos CD "Arte em Movimento" e "Canções que Abraçam Sonhos"; confrontar o que dizem os poetas e cantadores do MST nas letras dos CD do MST com o que é dito em outros lugares, por outros sujeitos; confrontar o modo de dizer dos Sem Terra, com o que é dito de outro modo sobre o atual meio rural brasileiro.

Como também procuramos, ouvir nas canções de luta dos sujeitos Sem Terra, aquilo que ele não diz, mais que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

Para PECHEUX (1988) segundo cita ORLANDI (idem), "todo enunciado é sempre suscetível de ser /tornar-se outro. Este lugar do outro enunciado é o lugar da interpretação, manifestação do inconsciente e da ideologia na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos.

O discurso do MST nas letras das canções dos CD "Arte em Movimento" e "Canções que Abraçam Sonhos" são composições sobre e para a luta e que, reunidas no CD, pretendem registrar a memória do Movimento e mostrar a face do MST com transparência para a sociedade<sup>1</sup>. O "dito" nestas canções se contrapõe ao "não dito" no discurso veiculado pela mídia que revela a tendência de noticiar os fatos a partir de construções semanticamente negativas ao Movimento, revelando em seu discurso e componentes lingüísticos, um tratamento discriminatório das ações de reivindicação do MST, cujas "modalidades do dizer" não permitem ao receptor (leitor, ouvinte, telespectador) uma interpretação favorável ao MST. Uma vez que a comunicação de massa tem um impacto central na análise da ideologia e, a mídia pode contribuir para estabelecer ou sustentar situações de poder<sup>2</sup>.

Neste sentido, partindo perspectiva aberta por Pêcheux, que todo enunciado é sempre suscetível de ser /tornar-se outro, reconhecemos nos enunciados das "canções de luta" gravadas nos CD do MST, o lugar da interpretação e da manifestação do inconsciente e da ideologia deste Movimento na produção de sentidos e na constituição dos sujeitos Sem Terra.

Tratando-se nossa tarefa nesta análise em relação a interpretação, considerar o interdiscurso (o exterior) como uma alteridade discursiva, ou seja, procurar a existência de uma relação que abraze a possibilidade de interpretar na *música dos Sem Terra, o correspondente a este outro linguageiro discursivo*.

Para Orlandi (1998) um dos primeiros passos da análise é a constituição do corpus, cuja delimitação não deve seguir critérios empíricos, mas teóricos. No caso desta análise o corpus constituído são as letras das canções de luta gravadas nos CD "Arte e Movimento" e "Canções que Abraçam Sonhos" produzidos pelo MST.

<sup>1</sup> Ler o texto de apresentação do encarte do CD "Arte e Movimento" (1997).

<sup>2</sup> BONFIM, J.B.B. A fome que não sai dos jornais: o discurso da mídia sobre a fome. Brasília: Plano Editora, 2002. 118p. p.8.

Três fatores foram determinantes para a escolha dos CD do MST como objeto desta análise: o interesse crescente que as questões relacionadas ao MST tem despertado na sociedade; a relevância que a mediação tecnológica vem *ocupando* no território dos atuais estudos de comunicação e o interesse da análise de discurso por práticas discursivas de diferentes naturezas, tais como imagem, som, letra. Fatores que tornam pertinente a escolha de alguns trechos de letras dos CD do MST para constituição do corpus desta análise.

Seguindo as orientações sobre os procedimentos para a construção do dispositivo de análise, buscamos como salienta Orlandi, não à extensão nem a completude em relação ao objeto empírico, mas à profundidade em relação aos objetivos da análise e à sua temática. Ou seja, procuramos entender e explicar, a partir das letras dos CD "Arte em Movimento" e "Canções que Abraçam Sonhos" como o discurso do MST funciona e produz sentidos internamente e como parte de um processo produtivo mais amplo. Já que, ainda de acordo com Eni Orlandi, *todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro discurso*.

No caso deste trabalho, analisamos as letras dos CD do MST, procurando entender como nelas se configura o discurso dos Sem Terra sobre o espaço agrário brasileiro. Para tanto, passamos da superfície lingüística, letras das canções de luta gravadas nos CD do MST, para o objeto discursivo definido pelo processo de de-superficialização do corpus. Ou seja, para a análise do que se chama materialidade lingüístico-histórica e que nos remete as condições de produção do discurso em relação à memória discursiva.

Partimos do pressuposto que, se para o MST os instrumentos de comunicação só são úteis e produtivos se atingem e formam ideologia, gravar discos compactos com as "canções de luta" dos poetas e cantadores Sem Terra, deve constituir mais uma estratégia de comunicação do processo de organização e mobilização social deste Movimento.

Neste sentido, o primeiro movimento desta análise, consiste, pois em desfazer a ilusão de que as coisas só podem ser ditas de uma única maneira. Posto que conforme Gramsci<sup>3</sup>, cada grupo social tem uma concepção de mundo condicionada pelo local que ocupa na estrutura social e que se manifesta em todas as atividades da vida coletiva. O que nos autoriza, a partir das letras dos CD do MST, analisarmos o que é dito no discurso dessas canções em confronto com o que é dito em outros discursos, em outras condições de produção e afetado por diferentes memórias discursivas.

É desta relação existente entre as diferentes superfícies em face de um mesmo processo discursivo, que emerge o modo de funcionamento do discurso que nos permite detectar a relação deste discurso com as diferentes formações discursivas. Logo, os CD do MST são usados tanto no confronto da realidade de exclusão dos sem-terra frente às distintas visões de mundo dos demais segmentos sociais, quanto na circulação do discurso, das propostas, das ações e das reflexões do MST para a sociedade através da palavra cantada.

Isto porque partindo do ponto de que a análise de discurso visa compreender como um objeto simbólico produz sentido, a transformação da superfície lingüística das letras dos CD do MST em um objeto discursivo, permite compreender os poetas e cantadores MST, não apenas como meros receptores, mas como produtores de sentido e de ação.

---

<sup>3</sup> GRAMSCI, A. **Literatura e vida nacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.p.169.

Entretanto, como o objeto discursivo não é dado, mas construído pelo analista, fez-se necessário converter a superfície lingüística (corpus bruto), o dado empírico, de um discurso concreto (as letras do CD do MST) em um Objeto lingüístico de-superficializado por uma abordagem analítica crítica para desfazer a impressão de realidade do pensamento, que sobrepõe palavras, idéias e coisas. Ou seja, haja vista que o processo social de produção das canções de luta do MST, pode apontar existência de desigualdades decorrentes da assimetria na distribuição de terras, que tem levado a tantos conflitos pela distribuição de terras e de poder, para entender a realidade agrária atual, também é preciso apreender o sentido atribuído pelos Sem Terra a essa realidade.

Para compreender esse modo específico de significar do discurso dos sem terra, fez-se necessário uma nova passagem, desta vez, do objeto para o processo discursivo. No caso das letras das canções do MST, vemos na rede de filiações de sentidos e suas relações desenhadas pela ideologia, o compromisso desse dizer com a memória da colonização pelos portugueses e o sistema de capitanias hereditárias para a distribuição de terras pela Coroa Portuguesa, quando grandes extensões de terra distribuídas com exclusividade para os membros da nobreza portuguesa e para servidores da Coroa determinaram a opção pelo latifúndio monocultor, caracterizando a sustentação da economia e da sociedade brasileira, durante vários séculos, pela mão de obra escrava indígena e africana, marcada pela luta contra a escravidão e pela terra, protagonizada por índios e negros em defesa de sua liberdade e de seus territórios invadidos pelos colonizadores.

Dito de outro modo, entre as inúmeras possibilidades de formulação, o dito e o não dito nas letras das canções do MST atestam, na língua, sua capacidade de historicizar-se, isto é, *os fatos vividos reclamam sentidos que movem os sujeitos sem terra entre o real da língua e o real da história, entre o acaso e a necessidade, o jogo e a regra, produzindo gestos de interpretação.*

Em busca de pistas desses gestos de interpretação, que se tecem na historicidade, cabe lembrar que para o MST é preciso buscar "formas de empregar as palavras", através de instrumentos compatíveis e acessíveis ao meio rural, sem limitar suas alternativas. Dentro desta perspectiva, a memória digital dos discos compactos é mais uma forma de empregar as palavras das canções de luta do Movimento e de fazê-las circular dentro e fora da organização.

Deste modo, mesmo não fazendo parte dos meios oficiais de comunicação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, como é o caso do Jornal, da revista e da rádio comunitária, os CD constituem uma importante mediação tecnológica e cultural do MST, com sua base e com a sociedade. Pois, indicam como esse movimento vêm empregando a mediação tecnológica para levar o seu discurso e suas propostas para parcelas da população geográfica e socialmente diferenciadas. Já que a mediação tecnológica é empregada pelo Movimento não apenas para contestar posições de poder, mas para compartilhar a experiência cotidiana do MST com os demais segmentos da sociedade.

Esta passagem da superfície lingüística (corpus bruto, textos das letras) para o objeto discursivo e deste para o processo discursivo, permite observar os efeitos da língua na ideologia e materialização desta na língua.

Essa apreensão da *historicidade do texto* das "canções de luta" gravadas em discos compactos pelos MST, pode ser entendida a partir da constatação de que para o MST "a comunicação deve estar ligada à tarefa de formar consciência dos membros de uma organização, sendo seu objetivo principal, aprender a dialogar". Neste ponto, observa-se

também a *textualização do político*, descrito por Orlandi (1999: 68) como *a simbolização das relações de poder presentes no texto*.

Uma noção importante na análise do discurso é que o texto não é definido por sua extensão: ele pode ter desde uma só letra até muitas frases, enunciados, páginas...ou ainda um conjunto de letras de músicas gravadas em um disco compacto. Pois como diz Orlandi (idem), *não é a extensão que delimita o que é um texto, mas o fato de, ao ser referido à discursividade, constituir uma unidade em relação à situação*. Esta noção nos interessa para fazer os recortes necessários, na medida em que está se procedendo a análise.

Seja ocupando espaços reais da sociedade tradicional (espaço físico: terra), seja ocupando territórios virtuais na comunidade tecnológica (Cyber-space: Internet), o MST tem se revelado uma alternativa concreta para milhares de trabalhadores rurais sem terra, que tem se organizado, para de assujeitados, se transformarem em sujeitos dos processos reais, sejam eles sociais, históricos, econômicos, políticos ou comunicativos.

É também Orlandi, quem afirma que ser escrito ou oral não muda a definição do texto. Segundo esta autora, o texto é texto porque significa. Então, para a análise de discurso, o que interessa não é a organização lingüística do texto, mas como o texto organiza a relação da língua com a história no trabalho significante do sujeito em sua relação com o mundo.

#### IV. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DISCURSIVA

Para compreender a produção discursiva nas letras dos CD do MST, partimos das noções de relação de sentido, de relações de força, e de antecipação apontadas por Orlandi (1999:39). Conforme esta autora a noção de relação de sentidos implica no fato de que não há discursos que não se relacione com outros. Logo, o mesmo acontece com relação ao nosso objeto de análise, tanto o discurso do MST, como as palavras dos compositores Sem Terra nas letras das canções de luta gravadas no CD Arte em Movimento e Canções que Abraçam Sonhos são discursos que [e porquê] se relacionam com outros discursos. Um exemplo ilustrativo são as músicas Devoção a Amazônia e Candelária gravadas no CD Arte em Movimento(1997).

Na música Devoção a Amazônia o discurso remete a luta do índio e do seringueiro contra o latifúndio e contra os projetos imperialistas da falsa ecologia, ele também está relacionado ao discurso do MST e dos Sem Terra de proteção da terra, contra o latifúndio e contra o modelo econômico que o reproduz. Discurso este relacionado ao discurso de defesa pela vida e pela luta de outros povos e minorias e também a defesa da natureza.

"...levanta índio junto aos outros companheiros, vamos ligeiros  
contra a força desse mal, fazer corrente em toda a América Latina, a  
causa é nobre e a luta internacional..."

(Devoção à Amazônia – Zé Pinto/ CD Arte em Movimento,1997)

No caso de Candelária, o discurso mais geral é contra a impunidade e contra o descompromisso com as crianças e adolescentes abandonados pelo sistema, mas também está relacionado ao discurso mais específico do canto de indignação do meio rural contra a violência urbana. E a outros discursos relacionados a discriminação e a privação a que são

submetidas crianças, adolescentes, imigrantes, retirantes e outras minorias que vivem nas ruas e nas periferias das cidades e grandes centros urbanos.

"...Quando a bala bate o sino, bate mais do que o metal, quanta dor nesse menino que confiou na Catedral... Candelária, Candelária por quem dobram teus badalos, seriam pelos que clamam ou talvez pelos que calam? Candelária, Candelária és a vergonha do Brasil..."

(Candelária – Protásio Prates / CD Arte em Movimento,1997)

Dentro da perspectiva da AD, o processo de construção discursiva nesta análise nos remete às condições de produção que envolvem todo o processo de produção, circulação e consumo dos sentidos produzidos pelo discurso do MST, objetivados nas canções de luta gravadas nos discos compactos Arte em Movimento e Canções que Abraçam Sonhos.

Entre 1997 e 1998, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, gravou quatro CD:

Primeiro disco compacto produzido pelo MST, o CD Terra (1997), circula junto com o Livro Terra, com Fotografias de Sebastião Salgado e prefácio de José Saramago. Este CD, de quatro faixas, gravado por Chico Buarque de Holanda, é dedicado às milhares de famílias de brasileiros sem-terra que sobrevivem em acampamentos improvisados às margens das rodovias, lutando na esperança de um dia conquistar um pedaço de terra para produzir e viver. Lançado nacionalmente em 17 de abril de 1997 – Dia Internacional de Luta Camponesa, numa referência ao massacre de Carajás, este CD é um marco no Movimento, pois assinala o apoio desses artistas e intelectuais ao MST e a Causa da Reforma Agrária.

Produzido, meses depois do CD "Terra", O Arte em Movimento (1997) é outro marco na história do MST, pois registra no conjunto das composições dos Sem Terra, ali gravadas, a memória do Movimento:” *Este é o nosso primeiro CD. Com ele pretendemos registrar as composições, de nossos artistas, que mais fizeram sucesso no Movimento desde a sua criação e apresentá-las à nação. São canções sobre e para a luta que, agora reunidas expressam o nosso entendimento da caminhada...assim, vamos registrando nossa memória e mostrando com transparência a nossa face à sociedade brasileira... agradecemos a todos os artistas, técnicos e profissionais da área de música que nos apoiaram e puseram seus conhecimentos e arte a disposição desse disco. Sem vocês, tudo seria mais difícil. Agora é continuar<sup>4</sup>...*”

Cabe lembrar que embora as composições deste CD sejam de autoria dos poetas e cantadores Sem Terra, as músicas nele gravadas, são cantadas por conhecidos artistas da MPB, como pode ser observado na declaração de Jaime Amorim, coordenador do MST em Pernambuco, sobre o lançamento do CD Arte em Movimento: “*O primeiro CD tinha um pouco isso de vender a imagem do Movimento... uma imagem do Movimento cantando. Foram alguns compositores nossos e, para cantar trouxemos artistas, cantores profissionais que voluntariamente gravaram o CD*”.

<sup>4</sup> Texto de apresentação do encarte do CD Arte em Movimento,1997.

O CD *Canções que abraçam Sonhos* (1998) terceiro produzido pelo MST, cumpriu o propósito de produzir outro CD com as músicas do Movimento que contemplassem os poetas cantadores Sem Terra que não participaram com suas composições do CD *Arte em Movimento*. Este CD constitui mais um marco na história do Movimento, pois reúne as canções premiadas no I Festival Nacional da Reforma Agrária, realizado em Palmeiras das Missões, Rio Grande do Sul, em fevereiro 1999. Isto pode ser conferido, mais uma vez, na declaração de Jaime Amorim, *“foi o festival de música que originou a ...produção do CD...cujo tema era justamente a Reforma Agrária. Criações dos próprios companheiros e amigos ...que escreveram sobre a nossa luta”*.

Último CD produzido pelo MST, *Plantando Cirandas* (2000) é o primeiro CD infantil do Movimento. Para Jaime Amorim, *“Plantando Cirandas foi o jeito que encontramos de lançar sementes em uma terra nova e fértil. É o primeiro CD com canções infantis. É mais um sonho que vais se realizando em boa hora...”*

Para o Coordenador do MST, em Pernambuco, Jaime Amorim, este CD é o mais importante na história do Movimento, pois cria referências para os Sem Terrinhas, como são chamadas as crianças do Movimento: *“já estávamos cansados de ver nossas crianças, nos assentamentos, rebolando, imitando a Xuxa o dia inteiro. Como não tinham outra referência, Xuxa passou a ser a referência. Então esse CD, ele está sendo, digamos uma ofensiva ao “modelo Xuxa”...e deu certo, a criançada hoje, canta a música do Movimento, brinca com o CD dos “Sem Terrinhas”... nas escolas, em casa, a criançada vive...e ao invés de cantar Xuxa, passam a cantar o CD dos “Sem Terrinhas”...*

De acordo com ORLANDI, as condições de produção compreendem fundamentalmente os sujeitos e a situação e a memória que faz parte do discurso. Remetendo esta definição ao objeto desta análise diríamos que neste caso, os sujeitos são os Sem Terra e a situação seria de um lado a situação de exclusão a que estão submetidos os trabalhadores rurais sem-terra, e de outro lado o resultado do avanço da luta organizada dos trabalhadores do campo, pelo direito à terra, a reforma agrária e à mudanças sociais.

*“...Descobrimos lá na base que a tal da reforma agrária do papel não vai sair. Pelo pedaço de chão pra colher o nosso pão vamos ter que nos unir. Companheiro e companheira, vitória vai ser ligeira se todos se organizarem...contra esse capitalismo, vamos firmes decidido, a não deixar pra outra hora...”*

(Descobrimos lá na base - Zé Pinto/ CD *Arte e Movimento*: 1997)

Em relação a memória enquanto parte da produção do discurso, segundo Orlandi, ela tem suas características, quando pensada em relação ao discurso, perspectiva na qual a memória é tratada como interdiscurso, definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.

*“...já disse o homem que depois morreu e ficou na memória, que existe uma coisa na roda da história que uma camada pra trás quer rodar. Mas estes não servem pra por suas mãos nesta manivela ficarão olhando aa margem, olhando da janela, a luta do povo esta roda girar...”*

(Manter a esperança - Ademar Bogo/ CD *Arte e Movimento*: 1997)

É o que se chama de *memória discursiva*, ou seja, é o *já-dito que está na base do dizível*. Neste sentido, a memória discursiva ou o interdiscurso é o que disponibiliza os dizeres que afetam o modo como os poetas e cantadores Sem Terra significam (ou produzem sentido) na situação discursiva referente aos CD do MST.

"...América Latina de sangue e suor, eu quero para ti um dia melhor. Este povo que sofre pela mesma razão. Grita por liberdade numa nova canção...América morena do velho e do novo, Construindo a história na luta do povo..."

(América Livre – Jacir Strapazzan - Milico/ CD Arte e Movimento: 1997)

No caso analisado, tudo o que se diz nessas canções sobre a questão agrária, sobre os principais problemas rurais brasileiros e mesmo sobre as questões nacionais e universais que extrapolam a dimensão do Movimento, que significaram em diferentes sem-terra, os sentidos da luta pela reforma agrária e por mudanças sociais, permanecem, de alguma forma, significando ali. São os sentidos evocados pelo cotidiano de homens, mulheres e crianças sem terra, conhecedores da arte de resistir às tentativas da destruição de seus sonhos e que buscam, caminhando e cantando, rompendo cercas e retirando mourões, a dignidade perdida<sup>5</sup>.

"...pegue os cereais e a lona, junte a criançada pois sem terra organizados é terra ocupada. De mãos dadas vamos juntos, não somos covardes. Somos contra o latifúndio que só produz maldade..."

(Não somos Covardes – Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

"...Se não houver o amanhã, brindaremos o ontem e saberemos então onde está o horizonte..."

(Companheiros de Guevara – Ademar Bogo/ CD Arte e Movimento: 1997)

São os sentidos evocados pelas circunstâncias da enunciação, a partir do contexto imediato ou a partir do contexto sócio histórico, mais amplo, e que remete à origem do MST, surgido durante o processo de redemocratização do país, na década de 70, e também a luta pela terra que sempre aconteceu, com ou sem o projeto da reforma agrária, tratando-se a última, portanto, de uma política antiga que surge com o latifúndio, enquanto a organização do MST, emerge da luta pela reforma agrária, uma política recente, se comparada ao processo de formação do latifúndio. E que resulta da organização política, a partir da década de 50 com as ligas camponesas e prossegue até hoje com o MST(cf.: FERNANDES, 1999:1).

"...a invasão chegou de barco na América latina. Veio da Europa este plano de chacina. Vinham em nome da civilização, empunhando uma espada e uma cruz na outra mão..."

(500 anos de resistência Índia, Negra e Popular - Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

<sup>5</sup> Trechos retirados da letra de Terra Sertaneja – CD Arte e Movimento, 1997.

"...erguendo a fala gritando reforma agrária, porque a luta não para quando se conquista o chão. Fazendo estudo, juntando a companheirada, criando cooperativa pra avançar na produção..."

(Floriô – Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

De acordo com Orlandi, o fato de que há um já-dito que sustenta a possibilidade de todo o dizer, é fundamental para compreender o funcionamento do discurso e a sua relação com os sujeitos e com a ideologia.

"...O grito negro de Zumbi vem dos Palmares, Marçal, Proaño e tantos ergueram a voz...estão presentes em nossa organização. Pra ter mais força é preciso unificar, marchando firme contra toda a escravidão..."

(Assim já ninguém chora mais - Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

Remetendo esta questão ao objeto desta análise, podemos dizer que para compreender o discurso que permeia as letras das canções de luta gravadas pelo MST no CD Arte em Movimento e Canções que abraçam sonhos, faz-se necessário entender como a memória discursiva aciona as condições de produção dessas canções, ou seja, é preciso considerar as condições de enunciação que remetem ao contexto imediato dos Sem Terra e a um contexto mais amplo, sócio-histórico e ideológico, que traz para a consideração efeitos de sentido que derivam da determinação social e histórica da produção discursiva, das relações do discurso com o poder, enfim da relação com a ideologia, enquanto *prática significativa, enquanto efeito da relação do sujeito com a língua e com a em sua relação necessária, para que se signifique* (ORLANDI, 1996:48).

"...Sabemos que o capitalista diz não ser preciso ter reforma agrária. Seu projeto traz miséria, milhões de sem terra jogados na estrada, com medo de ir para a cidade enfrentar favela, fome, desemprego. Saída nessa situação é segurar a mão de outros companheiros..."

(Assim já ninguém chora mais - Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

Essa natureza reivindicatória, contestatória e libertária gestada na relação dos Sem Terra com a ideologia é observada nas letras das músicas dos CD do MST, acionada pela memória discursiva, de repetição histórica, permite compreender, por exemplo, porque o MST é contrário ao latifúndio e ao modelo econômico que o reproduz gerando de riqueza e produzindo de pobreza.

"...pelo fim do latifúndio, chega João, chega Raimundo, isso vai ter que mudar. Nessa América Latina será que a nossa sina vai ser sofrer sem parar. Mas eu nisso não acredito, por isso eu tenho dito vamos todos dar as mãos. É a força popular levantando essa bandeira Reforma Agrária é o chão...vamos entrar naquela terra e não vamos sair. Nosso lema é ocupar, resistir e produzir..."

(Descobrimos lá na base – Zé Pinto/ CD Arte Movimento: 1997)

## V. A PRODUÇÃO DE SUJEITOS

É através da mudança cultural e da construção de uma nova consciência, que o MST busca envolver a mulher, o jovem, a criança e os mais velhos na recuperação de valores, na construção de uma nova sociedade e do novo camponês, ou seja, do sem-terra que ao decidir entrar no MST, já optou em renunciar à exclusão: social, política, econômica<sup>6</sup> e comunicativa.

"...e também vai a mulherada com muita participação, mostrando capacidade que tem outras lutas além do fogo..."  
(Causa Nobre - Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

"...Compadre junte ao movimento, convide comadre e a criançada porque a terra só pertence a quem traz na mão os calos da enxada..."  
(Assim já ninguém chora mais - Zé Pinto/ CD Arte e Movimento: 1997)

Assim filiando uma rede de sentidos que ecoa nas canções de luta e circula nos CD, o discurso do MST movimenta-se entre o campo e cidade, e entre outros sentidos no que transforma os sem-terra de antes, nos Sem Terra de agora. Que ocupa ao invés de invadir, que desloca o dito e o não-dito, e que aciona o já-dito para dizer e para o "dizível". Este jogo de língua e de equívocos, observado nas letras dos Sem Terra, traz para a enunciação o que é dito em outros dizeres, e que produzem diferentes efeitos de sentido. Do mesmo modo que procura trazer para as letras destas melodias o que o que não é dito, e o sentido que o não dizer apaga. Além de tentar fazer escutar também em suas canções de luta, o que não é dito em outras falas.

"...qualquer discurso já é uma ameaça e se for na praça correndo já vêm. Não andamos muito, sabemos agora. Já disse o poeta "quem sabe faz a hora" e não se espera por quem já não vem..."  
(Manter a esperança - Ademar Bogo/ CD Arte e Movimento: 1997)

Neste sentido, fazer ecoar seus dizeres e silenciamentos é fazer-se ouvir, fazer-se escutar, dialogar.

"...Liberdade é pão, é vida, é terra mãe, trabalho, amor...é o grito da natureza viola de um cantador...é o povo em movimento contra as cercas da concentração, com um sorriso de felicidade e a história na palma da mão..."  
(Terra e Raiz – I oficina Nacional de Músicos do MST)

Para Orlandi (1989) a noção de silêncio não deve ser confundida coma noção do não-dito (implícito). Ao contrário do não-dito que significa por referência ao que foi dito, o silêncio não fala, o silêncio significa. Logo, não precisa ser referido ao que é dito para significar. Ainda de acordo com esta autora, o fato da matéria significativa do silêncio ser

<sup>6</sup> BOGO, A. "O papel da Cultura no MST". Bahia, MST:Documento Interno (mimeo), maio de 1998.9p.p.4.

diferente daquela da linguagem verbal, permite existir diferentes formas do silêncio no processo de significação.

Já que nem os sujeitos, nem os sentidos nem o discurso, estão sempre prontos e acabados, a incompletude passa a ser a condição da linguagem. É desse modo que ao estabelecer relações de sentidos ao falar de uma forma e não de outra, fazendo da paráfrase (repetição) e da polissemia (ruptura) efeitos de sentido, é que os sentidos da exclusão ao longo da história na ecoam na memória e falam no discurso do MST e se repetem nas palavras dos poetas e compositores Sem Terra,

"...este é o nosso país, esta é a nossa bandeira. É por amor a essa pátria-Brasil que a gente segue em fileira...ordem é ninguém passar fome, progresso é o povo feliz. Reforma agrária é a volta do agricultor a raiz..."

(Ordem e Progresso- Zé Pinto / CD Arte e Movimento: 1997)

O trecho transcrito acima, da música Ordem e Progresso, *repetem* em seu dizer as palavras Ordem e Progresso, retiradas da bandeira brasileira, mas *rompem* com o processo de significação dessas palavras.

Para Pêcheux (1975), segundo cita Orlandi (1999:34) pode-se distinguir duas formas de esquecimento no discurso: o esquecimento enunciativo que atesta que *o dizer não é indiferente aos sentidos* e o esquecimento ideológico ou *o modo pelo qual somos afetados pela ideologia*.

Um exemplo do silêncio enunciativo, no caso dessa análise, pode ser ilustrado da seguinte forma:

"...tenho os olhos voltados para um mundo novo que haverá de nascer das lutas do povo pra acabar de vez com a exclusão social, com um projeto de vida , tendo o ser humano em primeiro lugar..."

(Pedacinho de Chão – Ribamar Nava/ CD Canções que Abraçam Sonhos)

Indica que este dizer sempre podia ser outro:

"...O povo não precisa lutar por um novo mundo nem para acabar com a exclusão social, nem priorizar o ser humano no projeto de vida..."

Ou ainda,

"...O projeto atual não prioriza o ser humano, que vive com os olhos voltados para baixo, sem direito de sonhar com um novo mundo e sem consciência de que é preciso lutar contra a exclusão social..."

Neste silêncio ideológico, sujeitos e sentidos se significam, embora os sentidos apenas se representem como originando-se nos sujeitos, no caso específico, nos Sem Terra constituídos em sujeitos, já que eles (os sem-terra) é que são determinados pela maneira

como se inscrevem na língua e na história, sendo esta a razão por que significam, e não por sua própria vontade.

"...Terra Brasilis continente, pátria mãe da minha gente, hoje eu quero perguntar: se tão grandes são teus braços, porque negas um espaço aos que querem ter um lar?..."

(Procissão dos Retirantes –letra: Martín Cezar Ramirez Gonçalves,  
música:Pedro Munhoz/ CD Canções que Abraçam Sonhos)

Orlandi (1999:38) lembra ainda, que todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa. No caso desta análise, é nas palavras dos Sem Terra constituídos em sujeitos, na construção do seu discurso que se dá o trabalho da língua e da ideologia na produção de sentidos.

"...Quando chegar na terra lembre que de quem quer chegar. Quando chegar na terra lembre que tem outros passos pra dar. Quando chegar na terra lembre que tem outros passos pra dar, mire o olhar para frente, porque atrás vêm gente querendo lutar..."

(Quando Chegar na Terra – Ademar Bogo/ CD Arte e Movimento: 1997)

## VI. A PRODUÇÃO DE SENTIDOS

Essa relação entre o já-dito e o que se está dizendo é a que existe entre o interdiscurso e o intradiscorso, ou seja, entre a constituição e a formulação do sentido. É o fato de ser um sem-terra (excluído) que transforma o camponês em um Sem Terra (organizado).

E na superação dialética do cotidiano dos trabalhadores rurais Sem Terra pertencentes ao MST, diferentemente daqueles tipos de música, que tem pretensões artísticas ou de competir no mercado fonográfico, a música dos Sem Terra, enquanto objeto e processo discursivo recria no espaço do discurso através do trabalho da língua e da ideologia, as cinco marcas de suspensão da vida cotidiana: o trabalho, a arte, a ciência, a moral e a práxis libertadora. Assim, além da luta, a música é uma das atividades que eleva o MST da mesmice do cotidiano permitindo a consciência de ser total, em plena relação com o humano e com a humanidade de seu tempo.

Pois, ao fazer chegar a repercussão de suas ações e reflexões a lugares e momentos exteriores ao seu cotidiano, os CD do MST, não têm a pretensão de competir no mercado fonográfico com suas canções de luta, mas apenas divulgar a realidade de exclusão dos povos sem-terra e fazer circular o seu discurso e as suas propostas, seja ocupando territórios reais da sociedade tradicional, seja ocupando territórios virtuais da sociedade tecnológica, seja ocupando territórios dos sentidos no discurso.

Uma sexta marca, a da incompletude, na qual, nem os sujeitos, nem o sentido, nem o discurso estão constituídos definitivamente, mas constituem-se e funcionam sob o modo do

entremeio, da falta, do movimento. Movimento de sentido e de sujeitos e de discursos, que na articulação entre estrutura e acontecimento, produz repetição e deslocamentos, repetição e ruptura, e que produz sujeitos, sentidos e ação, conflitos e confrontos entre o dito e o não dito, entre sem-terra e latifundiários, entre dizeres, silêncios, esquecimentos e apagamentos. Movimento que se realiza sobretudo entre a experiência e a história.

## VII. CONCLUSÃO

A memória metálica e digital dos CD do MST é usada como mediação tecnológica e cultural que permite o acesso mais rápido, mais amplo e mais diversificado a esse discurso. Colocando-se como uma tecnologia de acesso e de direitos, embora o saber infotécnico ainda seja um saber restrito a poucos. O que estabelece a formação de um novo tipo de excluídos na sociedade: os excluídos da tecnologia. Ao incorporar o disco compacto (CD), o MST passa a ocupar espaços e territórios da sociedade tecnológica que lhe permitem acesso, a segmentos sociais e geograficamente cada vez mais diferenciados. Possibilitando ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, compartilhar com a sociedade sua experiência coletiva e contemporânea, através da circulação de seu discurso e de suas propostas frente a distintas posturas e visões de mundo.

## REFERÊNCIAS

- ORLANDI, E. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**. São Paulo: Vigília, 1985.
- ORLANDI, E. **As Formas do Silêncio**. Campinas: UNICAMP, 1992.
- ORLANDI, E. **Efeitos do verbal sobre o não-verbal**, Encontro Internacional da interação entre linguagem verbal e não-verbal", Brasília, março 1993.
- PÊCHEUX, M. **Les vérités dès la palice**. Maspero, Paris. Trad. bras. Semântica e discurso, E.Orlandi *et alii*. UNICAMP.
- PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**. Campinas: UNICAMP, 1988